

PSICANÁLISE

Christophe Dejours

# O que há de melhor em nós

*Trabalhar e honrar a vida*

**Blucher**

 INSTITUTO  
TRABALHAR

# O que há de melhor em nós

*Trabalhar e honrar a vida*

Christophe Dejours

*Tradução*

Instituto Trabalhar

*Revisão técnica da tradução*

Laerte Idal Sznelwar

*O que há de melhor em nós: trabalhar e honrar a vida*

Título original: *Ce qu'il y a de meilleur en nous: travailler et honorer la vie*

© Editions Payot & Rivages, 2021.

© 2025 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Produção editorial* Kiyomi Yamazaki e Andressa Lira

*Tradução* Instituto Trabalhar

*Revisão técnica* Laerte Idal Sznelwar

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Estúdio dS

*Revisão de texto* Regiane da Silva Miyashiro

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Márcia Waks Rosenfeld Sznelwar

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela

Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Dejours, Christophe

O que há de melhor em nós : trabalhar e honrar a vida / Christophe Dejours ; tradução Instituto Trabalhar ; revisão técnica da tradução Laerte Idal Sznelwar. – São Paulo : Blucher, 2025.

154 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2483-9 (impresso)

ISBN 978-85-212-2479-2 (eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2480-8 (eletrônico - PDF)

Título original: *Ce qu'il y a de meilleur en nous: travailler et honorer la vie*

1. Psicanálise. 2. Sublimação (Psicologia). 3. Mecanismos de defesa (Psicologia). 4. Metapsicologia. 5. Psicanálise e sexualidade. 6. Psicanálise do trabalho. 7. Psicanálise clínica. 8. Teoria Freudiana – Sublimação. 9. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Título. II. Instituto Trabalhar. III. Sznelwar, Laerte Idal.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

# Conteúdo

Preâmbulo	7
Prefácio	15
Introdução	23
1. Inteligência no trabalho: por que a criatividade não é apenas para “gênios”	31
2. A sublimação e seus inimigos	47
3. Sublimação, clínica do trabalho e psicanálise	79
4. A psicanálise é uma profissão, um metiê	99
Conclusão	111
Referências	131
Bibliografia das citações (original em francês)	139

# Introdução

Desde a introdução dada por Freud ao conceito de sublimação, muitos autores tentaram explorar a teoria com mais profundidade. O interesse contínuo dos psicanalistas pelo assunto é compreensível: a sublimação é fascinante porque é o conceito por meio do qual a psicanálise se esforça para captar o que há de melhor na alma humana.

No entanto, a psicanálise revela uma série de motivos obscuros no inconsciente que, dada a grandeza com que os seres humanos desejam se adornar, não são nada lisonjeiros. Na esteira de sua investigação das neuroses, ela produziu uma massa de conhecimento refinado sobre o funcionamento psíquico, por meio da análise de atos falhos; equívocos de fala, leitura, gestos e ações; esquecimento de nomes, palavras e objetos; chistes; e, talvez principalmente, por meio dos sonhos. Desde seu interesse inicial pela neurose e pela psicopatologia, a psicanálise ampliou consideravelmente seu campo de investigação.

Tanto é assim que a obra de Freud também é corretamente considerada como uma teoria do ser humano – uma antropologia. Essa teoria estipula que a sexualidade é central para o funcionamento psíquico. Não a sexualidade no sentido biológico do termo (a

reprodução), mas a sexualidade no sentido psicanalítico, ou seja, a sexualidade infantil. E também afirma que essa última está na raiz das condutas humanas: é a sexualidade que estaria na sua origem e que as colocaria em movimento.

Porém, não há nada de idílico nessa sexualidade infantil. Nos termos de Freud, é uma sexualidade perversa e polimorfa, que a investigação clínica mostra ser fundamentalmente amoral. Se acrescentarmos a essas considerações o que Freud, no decorrer de sua teoria, colocou primeiro na pulsão de dominação e depois na pulsão de morte, é fácil entender que a psicanálise revela, acima de tudo, componentes pouco simpáticos da alma humana.

De fato, Freud era cético quanto à possibilidade de progresso moral para a humanidade. Isso é o que tem sido amplamente comentado sob o nome de “pessimismo freudiano”, que deu origem a muitas críticas de fora da psicanálise (de Hannah Arendt a Axel Honneth), mas também de dentro dela, sendo que muitos autores decidiram desafiar a centralidade antropológica da sexualidade e até mesmo rejeitar toda a teoria das pulsões.<sup>6</sup> Esse movimento de contestação continuou a se espalhar, a ponto de podermos falar atualmente de uma tendência mundial em direção à “dessexualização da psicanálise”.

Para Freud, uma sociedade – ou seja, uma forma de coexistência estável entre seres humanos unidos pelo desejo de evitar o recurso à violência para resolver seus conflitos – só é possível se esses últimos aceitarem, voluntária ou involuntariamente, uma limitação instituída de suas pulsões sexuais (Freud, 1927/2015, pp. 146-148). A sublimação, por outro lado, não é um desdobramento direto da repressão social. Ela não se origina externamente (mesmo que esteja sob pressão),

---

6 Aqui podemos nos referir a um debate marcante no qual um filósofo – Adorno – que defendia a posição freudiana fez uma forte acusação aos psicanalistas que, ao reformularem a teoria de Freud, foram descritos por ele como “revisonistas”. Ver Adorno (2007).

mas dentro do indivíduo. Embora seja caracterizada por uma *renúncia* à satisfação sexual de certas pulsões, essa renúncia (cujo sucesso permanece em grande parte enigmático, tanto para Freud quanto para seus sucessores) é uma possibilidade cuja realização está inteiramente dentro do funcionamento psíquico individual. A renúncia e a sublimação estão intimamente ligadas, mas não é fácil determinar entre os dois termos quem é a galinha e quem é o ovo, respectivamente.

O objetivo deste livro não é propor uma nova teoria da sublimação. Pelo contrário, é a teoria freudiana da sublimação que servirá como ponto de partida e de referência. E é com base nessa teoria que gostaria de avaliar seu lugar de direito em uma área específica da clínica: a “clínica do trabalho vivo”. Essa clínica foi pouco abordada por Freud e, posteriormente, não foi muito abordada pelo conjunto da comunidade psicanalítica.

A teoria da sublimação de Freud é incompleta, mas reúne uma grande quantidade de características teóricas que formam uma estrutura substancial; alguns pontos mencionarei aqui. A sublimação é um destino pulsional: na origem de toda sublimação está, antes de tudo, o sexual (embora precisemos levar em conta o que Freud prevê sobre a possibilidade de *sublimação desde o início*, no caso da pulsão de pesquisa [Freud, 1910/2009, p. 160]). Os componentes da sexualidade envolvidos principalmente na sublimação são as pulsões parciais (Freud, 1908/2007, p. 204). Freud situa a sublimação do lado das defesas do Eu (Freud, 1915/2005, p. 174)<sup>7</sup> contra as pulsões. A sublimação está intimamente relacionada ao sublime no sentido de elevação de si, porém mais vagamente relacionada ao sublime no sentido filosófico do termo (Schiller, 1901/1997).<sup>8</sup> As relações entre a sublimação

---

7 Veja também Freud (1915/2012, pp. 76-77).

8 Quando Schiller é citado por Freud, e ele o é em várias ocasiões, é ao poeta que ele se refere, não ao filósofo que dedicou tanto esforço à filosofia moral, estética e política.

e o ideal, ou mesmo a idealização (Freud, 1914a/2005, pp. 237-238),<sup>9</sup> é mediada pelo narcisismo e pelo amor de si. A sublimação implica referência a valores (Freud, 1932/2004, p. 179). Em outras palavras, há uma dimensão ética na sublimação, mas isso não significa, de acordo com Freud, que a sublimação esteja na raiz do senso moral nem da ética. A sublimação constitui um elo intermediário entre o indivíduo e a sociedade, mas ela não é responsável pela formação do vínculo social (o princípio do vínculo social está na idealização que prolonga a sublimação das moções homossexuais). A sublimação desempenha um papel importante na criação artística e na pesquisa científica. Por fim, vale a pena ressaltar que Freud tem reservas quanto às consequências da sublimação. Se a sublimação está envolvida na produção das obras da cultura (Freud, 1930/2015),<sup>10</sup> ela pode, no entanto, se tornar uma ameaça não apenas à reprodução da humanidade, mas também à sociedade e à civilização, porque exige renúncias e até mesmo sacrifícios (*Triebopfer*) que podem ser muito custosos para a economia da sexualidade (uma ameaça à reprodução da espécie humana, por um lado, e um ódio à cultura, por outro).

A passagem pela clínica do trabalho e pela teoria do trabalho vivo traz à tona uma certa quantidade de pontos de tensão em relação à concepção freudiana, que serão destacados no decorrer deste livro. Nesta introdução, eles serão apenas brevemente enumerados.

A primeira é sobre o *campo de validade* da sublimação. Para Freud, a sublimação diz respeito apenas a uma quantidade limitada de seres humanos, seres excepcionais que estão entre os artistas e pesquisadores científicos. Há, no entanto, alusões ocasionais a um campo mais amplo, que poderia se estender a indivíduos comuns, mas a sublimação ocupa apenas um lugar marginal em seu funcionamento psíquico, e suas virtudes derivam mais de sua associação com outros

---

9 Veja também Freud (1914/2012, pp. 69-71).

10 Veja também Freud (1930/2010, pp. 94-95).



processos psíquicos, como a identificação ou a inibição com relação à meta. A clínica do trabalho sugere que a sublimação está presente em uma gama muito mais ampla de atividades profissionais do que Freud pensava, ou seja, em todas as atividades que fazem parte de um *metiê* no sentido estrito do termo. Além disso, em muitos de seus textos, Freud aponta que as mulheres não são apenas menos adequadas à sublimação (Freud, 1908/2007, p. 210), mas que muitas vezes são até mesmo suas adversárias (Freud, 1930/2015, p. 290).<sup>11</sup> Sobre esse ponto, a clínica do trabalho fornece inúmeros argumentos que contrariam a posição de Freud. É verdade que a sublimação não é a mesma para homens e mulheres, mas a diferença não está na natureza das mulheres. Ela tem a ver com as condições (materiais, sociais e políticas) que tornam a sublimação possível, as quais discutiremos a seguir.

O segundo ponto de tensão diz respeito ao que a clínica do trabalho identifica como os *pré-requisitos materiais para a sublimação*. Em particular, o que vem da organização do trabalho, que impõe uma certa quantidade de constrangimentos relacionados à definição da tarefa profissional (ou seja, os objetivos a serem alcançados, por um lado, e o modo operatório, por outro), e decide sobre os espaços de liberdade concedidos aos indivíduos e aos coletivos de trabalho para honrar as regras de trabalho e as regras do *metiê*; e o que vem das relações sociais de trabalho que limitam o poder de escolher seu *metiê* ou de traçar o caminho pessoal no labirinto do mundo do trabalho. Esses constrangimentos e limitações podem, às vezes, estrangular o processo de sublimação a tal ponto que a organização do trabalho pode ser qualificada como uma “organização antissublimatória”.

O terceiro ponto diz respeito ao *solipsismo* da sublimação. A clínica do trabalho confirma que a condição *sine qua non* da sublimação é de fato encontrada no funcionamento psíquico individual. Contudo, a sublimação sempre tem um ou mais destinatários, e o papel destes é

---

11 Veja também Freud (1930/2010, pp. 104-105).

importante, tanto para o artista como para o pesquisador, não apenas por causa da encomenda que recebem, mas também pelo reconhecimento que lhes é acordado ou recusado pela produção entregue a quem a encomendou. A encomenda e o reconhecimento têm um impacto considerável sobre a possibilidade de um indivíduo e de um coletivo para mobilizar e desenvolver seus recursos sublimatórios.

O quarto ponto diz respeito aos *efeitos de retorno da sublimação* sobre a economia pulsional do indivíduo. A clínica do trabalho sugere que, quando é possível, a sublimação tem efeitos poderosos sobre a saúde e que, quando bloqueada, pode ter efeitos muito deletérios sobre o funcionamento psíquico e somático. Essa situação é apenas mencionada por Freud (1908/2007, p. 209), mas não é objeto de qualquer investigação clínica ou de uma teorização metapsicológica.

O quinto ponto é sobre a *relação entre sublimação e prazer*, que Freud não aborda muito, insistindo sobretudo na relação entre sublimação e sofrimento. A clínica do trabalho sugere que a sublimação tem efeitos de retorno poderosos sobre o narcisismo. Freud (1923a/2010) estava interessado principalmente no primeiro estágio da trajetória pulsional na sublimação: o do retorno da libido para o Eu, que torna a sublimação possível:

*A transposição da libido objetal para a libido narcisista . . . leva manifestamente a um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização, portanto, uma espécie de sublimação. . . . Não é esse o caminho geral para a sublimação, e toda sublimação não ocorre por meio do Eu, que primeiro transforma a libido objetal sexual em uma libido narcísica, para lhe dar, em seguida, uma nova meta? (p. 274)<sup>12</sup>*

---

12 Ver também Freud (1923b/2010, pp. 73-74).

Ele, porém, não discutiu o segundo estágio da trajetória pulsional, quando a pulsão, depois de ter sido envolvida em uma sublimação “bem-sucedida”, retorna sobre o Eu, implicando então particularmente o ideal do Eu. É verdade que, nesse texto, o ideal do Eu é dado como sinônimo do Supereu. Na clínica, porém, a sublimação, quando bem-sucedida, retorna ao Eu, de modo cardinal, como realização de si. E, dessa vez, é pontuada por um prazer especificamente experimentado como um crescimento do Eu, um ganho de subjetividade que, em última análise, leva a um crescimento do amor de si.

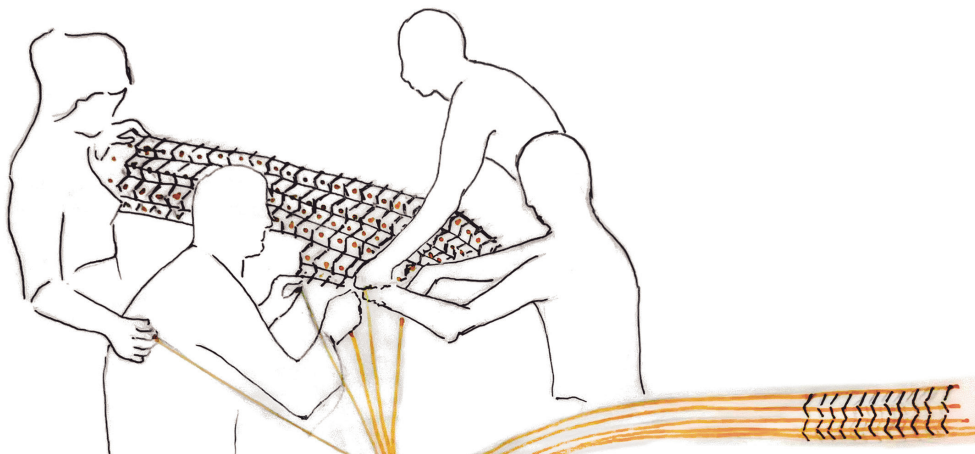
Este livro é composto por quatro capítulos. Os três primeiros são versões revisadas de artigos publicados em diferentes revistas. O Capítulo 1 discute a teoria freudiana da sublimação com base no trabalho vivo, conforme revelado na clínica do trabalho, tanto na criação artística quanto no trabalho individual qualificado. O Capítulo 2 procura mostrar as consequências para a saúde devidas à interrupção, por uma mudança brutal na organização do trabalho, de uma vida até então engajada com uma atividade profissional baseada na sublimação. O Capítulo 3 apresenta uma síntese das possíveis contribuições da clínica do trabalho para a teoria da sublimação. O Capítulo 4 consiste em um retorno reflexivo da teoria da sublimação para a própria psicanálise. Após um desvio pela clínica do trabalho, pode-se argumentar que a psicanálise é uma prática que envolve principalmente os recursos sublimatórios do profissional psicanalista. Isso pressupõe o reconhecimento de que a psicanálise é um metiê, uma profissão regida por regras e que emprega um saber-fazer técnico que a torna semelhante a um metiê do artesão.

Muitos psicanalistas se incomodam com essa repatriação de sua arte para o solo comum do trabalho, que eles consideram como um ataque ao prestígio dessa prática, reconhecidamente tão particular que não poderia ser comparada a nenhuma outra profissão. Freud, entretanto, considerava a psicanálise como um metiê, até mesmo impossível (Freud, 1937/2010, p. 50). E ele deu as devidas indicações

sobre a técnica analítica. Em *La technique psychanalytique* (*A técnica psicanalítica*) (Freud, 1953/2007), um livro composto pelos principais textos de Freud sobre técnica, compilado por Daniel Lagache em 1953, há um artigo de 1914 intitulado “Recordar, repetir, elaborar” (Freud, 1914b/2005).<sup>13</sup> Ele me parece ser um dos mais interessantes textos de Freud sobre a prática da psicanálise, ao mostrar o que, na sublimação, passa inevitavelmente por um trabalho cujo desdobramento, longe de diminuir o prestígio da psicanálise, expõe, ao contrário, a sutileza dos elos intermediários pelos quais a determinação do conceito deve demarcar se quisermos fazer justiça a essa “profissão/metiê impossível”.

---

13 Veja também Freud (2019, pp. 51-68).



**Neste livro, Dejours analisa a relação** entre o trabalho vivo e a teoria da sublimação elaborada por Freud. Ele mostra que, à luz da clínica do trabalho, a sublimação não é prerrogativa de seres excepcionais – artistas e pesquisadores –, diz respeito a todos os trabalhadores, sem exceção. Porém, para que a sublimação seja possível, a organização do trabalho deve deixar o caminho aberto para quem trabalha poder usar livremente a sua inteligência no trabalho. É o caso de muitos metiês, mas algumas organizações impedem a sublimação, a ponto de poderem ser descritas como “anti-sublimatórias”.

Dejours também mostra que a sublimação desempenha um papel importante na possibilidade de acesso ao prazer no trabalho. No entanto, quando a sublimação é dificultada pela organização do trabalho, devemos esperar o aparecimento de distúrbios psíquicos, até mesmo de doenças mentais.

Este livro destina-se principalmente a psicanalistas, mas também a todos os profissionais que se preocupam com a relação entre trabalho e saúde mental.

*Instituto Trabalhar*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2483-9

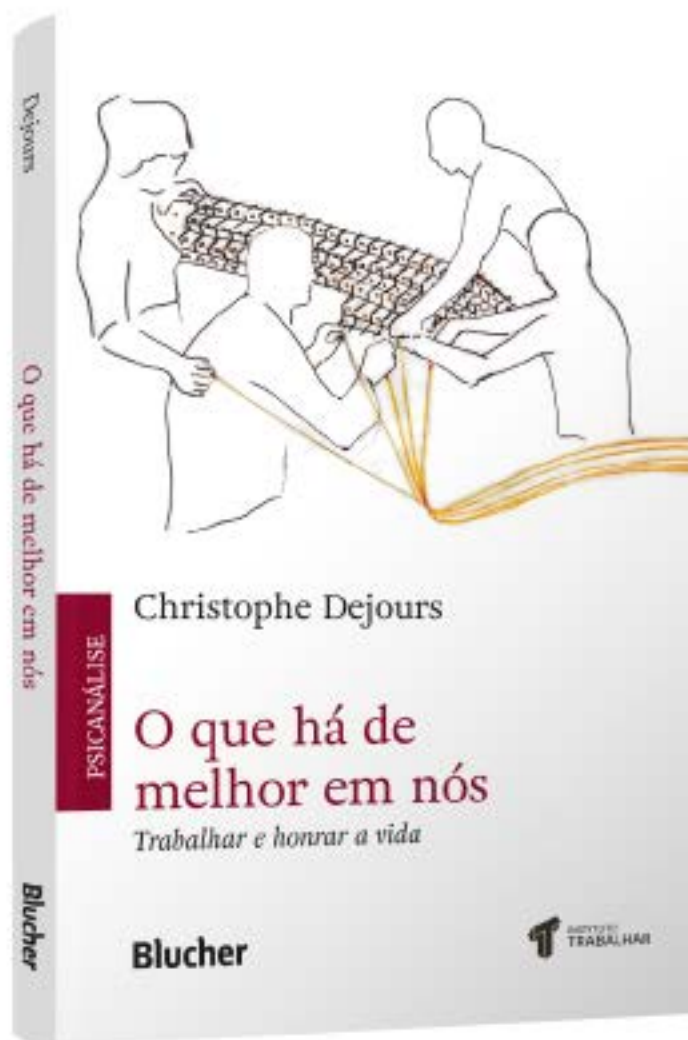


9 788521 122483 9



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## O que há de melhor em nós

### Trabalhar e honrar a vida

---

Christophe Dejours

ISBN: 9788521224839

Páginas: 154

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---